

Elogio ao afeto

In praise of affection

Amaury Fernandes

 0000-0002-4027-575X
amaury.fernandes@eco.ufrj.br

Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem seguida de outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama de pesquisar. Vem talvez agora a idade de uma outra experiência, a de desaprender, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda, que ousarei tomar aqui sem complexo, na própria encruzilhada de sua etimologia: *Sapientia*: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível.

Roland Barthes (1980, p. 47)

O texto aqui apresentado não é um texto científico, nem mesmo pode ser tipificado como um ensaio; ele se insere na tradição latina do *elogium*, palavra híbrida de origem greco-latina e que se reporta às inscrições tumulares, aos epitáfios, entendida na Antiguidade como uma “resposta do oráculo”, uma “predição” (Houaiss, 2009, s.p.). E não poderia haver locus mais adequado para ela estar inscrita do que esta publicação.

A epígrafe escolhida representa a atitude do foco do elogio com relação ao ato de ensinar, e assim se comporta ao longo de sua carreira o professor Rogério Medeiros em sua ação pedagógica cotidiana. Inicia sua carreira na segunda metade do século passado e constrói uma longa vida acadêmica na UFRJ.

A convivência do autor com esse docente se inicia ainda no começo de 1982 como estudante da graduação da Escola de Belas Artes, se consolida com a orientação do mestrado e se estende até os anos recentes como colega docente e amigo pessoal. Rogério Medeiros é daqueles professores que se tornam parte da vida dos estudantes que dele se aproximam pela generosidade e pelo jeito sereno de orientar.

O verbo afetar significa influir sobre algo ou sobre alguém, e a academia deve ser um espaço em que alguns aspectos sejam abordados com o devido afeto. As tradições precisam ser trabalhadas em um jogo de contradição com as inovações, de forma a impulsionar todos os desdobramentos das artes e das ciências; as vocações devem ser cultivadas com cuidado e atenção, para formar novas gerações de docentes e pesquisadores; as individualidades necessariamente se inserem nas genealogias e tradições das vertentes da intelectualidade. Tudo para perpetuar o movimento da roda do conhecimento, que faz com que mantenhamos a tradição na qual o novo saber se constrói sobre os ombros daquilo que os nossos antecessores ergueram, seguindo o que John de Salisbury (1929, p. 136, em tradução minha) atribui ao mestre Bernardo de Chartes:

Somos como anões nos ombros de gigantes, pois podemos ver mais coisas do que eles e mais distantes – não devido à acuidade de nossa vista ou à altura de nosso corpo, mas porque somos mantidos elevados por sua estatura.¹

Essa atitude pedagógica garante a transmissão do conhecimento, o crescimento das individualidades e viabiliza que novos pesquisadores desenvolvam suas capacidades pensando que a “Arte é toda atividade racional e justa do espírito, aplicada tanto à produção de instrumentos materiais como intelectuais: é uma técnica inteligente do fazer” (Le Goff, 1989, p. 57).

A capacidade que o professor Rogério Medeiros apresenta ao longo de sua carreira para auxiliar tantos estudantes não vem apenas de sua formação sólida nem mesmo de sua personalidade serena. Ela está fundada numa genealogia acadêmica que “pode ser definida como uma ‘busca obsessiva da identidade’ e se apresenta com mais força quanto mais as pessoas experimentam o sentimento de se distanciarem de suas ‘raízes’”. (Candau, 2023, p. 137). Rogério Medeiros é orientando de Jean Duvignaud, orientando de Georges Gurvitch, por sua vez orientando de Émile Durkheim; essa genealogia acadêmica informa a qual tradição está conectado o pensamento que o forma e quão inserido nas tradições da vida acadêmica ele se encontra.

¹ No original: *Bernard of Chartres used to compare us to dwarfs perched on the shoulders of giants. He pointed out that we see more and farther than our predecessors, not because we have keener vision or great height, but because we are lifted up and borne aloft on their gigantic stature.*

Ao longo de sua atividade docente Rogério Medeiros trabalha com afeto e *sapientia* e deixa mais do que saudades, deixa um legado nos muitos orientandos que forma ao longo de sua vida profissional, deixa as raízes de uma escola intelectual por intermédio desses orientandos, escola vinculada à arte, à comunicação e aos estudos sociológicos.

Amaury Fernandes é designer, mestre em história da arte e doutor em ciências sociais, professor associado da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e já atuou como superintendente geral de relações internacionais da UFRJ. Foi professor do PPGAV entre 2008 e 2016.

Referências

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1980.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2023.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss*. Versão eletrônica monousuário. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss/Objetiva, 2009.

LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SALISBURY, John. *Metalogicon*. Oxford: Webb, 1929.

Como citar:

FERNANDES, Amaury. Elogio ao afeto. Homenagem. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 31, n. 49, p. 10-12, jan.-jun. 2025. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.60001/ae.n49.2>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>